

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação

*Os jovens e a cultura contemporânea: um estudo entre  
alunos de uma escola pública, central, e particular da  
cidade de Campinas.*

Helen Cristina da Silva

Campinas

2012

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação

*Os jovens e a cultura contemporânea: um estudo entre  
alunos de uma escola pública, central, e particular da  
cidade de Campinas.*

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Educação,  
da Universidade Estadual de Campinas  
como requisito parcial para a obtenção  
de título de 'licenciado em pedagogia'.

Orientadora: Ernesta Zamboni

Campinas

2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Si38j Silva, Helen Cristina da, 1985-  
Os jovens e a cultura contemporânea: um estudo entre  
alunos de uma escola pública, central, e particular da  
cidade de Campinas / Helen Cristina da Silva. –  
Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Ernesta Zamboni.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. Jovens – Educação 2. Escolas públicas. I. Zamboni,  
Ernesta, 1939- II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

12-275-BFE

## **Agradecimentos**

Não seria possível finalizar mais essa fase da minha vida sem o meu grande amigo e parceiro de vida Herbert Sangion. Sempre estive ao meu lado nos momentos de dificuldade e alegria, tornando esses períodos mais fáceis. Gostaria de agradecer à minha orientadora Ernesta Zamboni que sempre com muita paciência e dedicação me ensinou a trilhar caminhos e a acreditar nas minhas potencialidades.

A minha tia Mariselda, pelo apoio nos momentos mais difíceis de ingresso na Universidade, deixo registrado aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

Tive a boa sorte de contar com o apoio de amigas que nunca me deixaram desistir do que me parecia impossível e que sempre estiveram ao meu lado quando eu mais precisei muito obrigada Janaina Preto, Mayara Muniz, Ana Carolina Tombini e Rayane Aranha. Não poderia deixar de agradecer a Miriam Salles que contribuiu não só com a bibliografia do presente trabalho, mas também com momentos riquíssimos de trocas de experiências e novas ideias que fomentaram os momentos de produção.

Durante a tessitura do presente trabalho tive dificuldades de reencontrar o sentido e o foco para seguir em frente, mas graças a essas pessoas maravilhosas que sempre estiveram comigo fui capaz de seguir em frente e pude finalizar com êxito mais essa etapa da minha vida, muito obrigada. Amo vocês.

## **Resumo.**

Os dois anos de iniciação científica contribuíram como alicerce para o presente trabalho de conclusão de curso. Durante esse período evidenciei o distanciamento entre o cotidiano dos jovens e as práticas educativas. Este distanciamento é o reflexo da realidade escolar e dos órgãos responsáveis por elas por manter o sistema de ensino distante dos meios tecnológicos incumbidos de difundir um grande número de informações propulsoras das relações sociais contemporâneas. Diante disso o número de alunos insatisfeitos com o cotidiano vivido dentro dos muros da escola, que já era alto, tem aumentado vertiginosamente. Os alunos não veem mais sentido nas práticas escolares e acreditam que as informações disseminadas na internet são conhecimento. Seria ingenuidade dizer que esse é o único motivo pelo qual a evasão escolar assume números tão grandes no Brasil, entretanto o que proponho é trazer à tona o atraso da instituição escolar em relação à contemporaneidade fixada na cibercultura.

A geração que surgiu após os anos 80 recebe diversas denominações por apresentar uma forma natural de se movimentar dentro da cibercultura. Eles são intensamente versados em mídia e são capazes de interagir com imensa facilidade com o mundo multifacetado da tecnologia. As gerações anteriores e as instituições tradicionais tais como a família, a igreja e a escola tendem a projetar nas novas gerações os valores que eram legítimos em sua época, hoje, os jovens processam informações de formas distintas, se comunicam velozmente, interagem com o mundo através das pequenas máquinas. É comum ouvirmos dos mais velhos que a juventude de hoje está perdida, que não tem atenção em nada e que vive prostrada em frente dos computadores, celulares e games. Entretanto o processo histórico é dinâmico e os agentes sociais são reflexos desse processo, por isso há uma distância entre as práticas cotidianas dos jovens e da geração anterior aos anos 80.

Palavras Chaves: Cultura, Cultura contemporânea, Cibercultura, Tecnologia.

## Sumário

Apresentação-----	7
Breve Histórico das Escolas-----	9
Metodologia -----	11
Espaço Teórico -----	13
Referências bibliográficas-----	27

## **Apresentação**

O presente trabalho de conclusão de curso é a continuação de dois anos de pesquisa científica financiada pelo PIBIC, durante esse período tecei relatórios que servirão como base estrutural para o presente trabalho. A pesquisa científica feita nos anos de 2008, 2009 e 2010 se enquadra em um projeto maior coordenado pela Dra. Ernesta Zamboni que é fomentado pela CNPq<sup>1</sup> desde 2008. Este projeto é intitulado, *Peabiru<sup>2</sup>: Cultura Contemporânea e Ensino de História*; propõe-se basicamente a realizar uma investigação sobre a relação entre o Ensino de História e a Cultura Contemporânea, assumindo um caráter interdisciplinar, já que se situa entre distintos campos do conhecimento como o da educação, o da história ensinada, o da antropologia, da sociologia e da filosofia.

Assim, a pesquisa científica: *Os jovens e a cultura contemporânea: um estudo entre alunos de uma escola pública, central, e uma particular da cidade de Campinas* colaborou durante dois anos com o projeto âncora, mencionado acima, na coleta de dados em uma escola pública central e uma particular. A Escola Estadual Francisco Glicério, foi escolhida pela localização central e sua característica de ensino público, e a segunda: a Escola Comunitária de Campinas; escolhida, por ser uma escola particular e de ensino diferenciado dentre as outras escolas particulares da cidade.

Durante o período de trabalho no presente projeto investiguei a relação estabelecida entre jovens (de 7<sup>a</sup> e 8<sup>o</sup> séries ou 8<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> anos) professores, além de observar os traços culturais e as identidades via o consumo e a apropriação de diferentes artefatos presentes na cultura contemporânea, tais como: filmes, leituras, músicas, jogos e Internet, assim como, o vocabulário que era utilizado e a forma como se expressavam, dentro da sala, sobretudo as de história, e fora delas, em momentos como intervalos e saídas.

---

<sup>1</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (até 1971 Conselho Nacional de Pesquisa, cuja sigla, CNPq, se manteve) é um órgão ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia para incentivo à pesquisa no Brasil.

<sup>2</sup> *Peabiru* é o nome do caminho construído pelos povos Tupi-Guarani em períodos anteriores à colonização e significa “o caminho do sol”. Segundo explicam os Guarani e Tupi-Guarani da atualidade, esse caminho foi construído para estabelecer uma ligação entre estes povos com grupos indígenas que viviam na América Espanhola. Usamos a imagem do Peabiru para evidenciar os caminhos de aproximação e existentes entre os participantes deste projeto, pesquisadores da região sul e sudeste do Brasil e da Argentina.

Durante esse período de trabalho foi possível flagrar algumas relações e comportamentos capazes de me instigar a escrever o presente trabalho. Vale ressaltar que o ele não traz em si a função de responder todas as minhas dúvidas e inquietudes, mas traz as pequenas marcas que ficaram em mim como resultado de dois anos de iniciação científica, e de um longo trabalho em conjunto não só com a minha orientadora, mas também com as minhas colegas que trabalharam em outras frentes do Projeto âncora *Peabiru: Cultura Contemporânea e Ensino de História*.

Durante o último ano do projeto realizei um intercâmbio de seis meses em Buenos Aires na Argentina, com o intuito de não só ampliar meu olhar em relação ao presente trabalho, como também revisitar o projeto de iniciação científica me fazendo ver novas possibilidades de trabalho. O intercâmbio foi feito na *Universidad de San Martín* e frequentei as matérias de “Educación, Cultura y Poder”, e de “Redes Sociales”. Essas duas disciplinas e a relação que estabeleci com os alunos da universidade foram de enorme valia para finalizar o trabalho de conclusão de curso.



## **Breve Histórico das Escolas.**

A Escola Estadual Francisco Glicério foi o primeiro grupo escolar de Campinas, organizado pelo então inspetor literário Luiz de Campos. Foi inaugurada no dia sete de fevereiro de 1897 em um prédio próprio, estadual, situado a Rua Moraes Salles; com 401 alunos matriculados, distribuídos em três classes de 1º, 2º e 3º anos de cada sexo. Recebeu o nome de Grupo Escolar Francisco Glicério em homenagem á Francisco Glicério que no dia 12 de abril de 1916 veio a falecer.

Seu prédio, tombado historicamente em 2002 possui características projetuais da era republicana, com uma fachada imponente, pé-direito alto, escadarias em madeira e em algumas partes, piso de mármore. Apresenta arquitetura eclética, com características neorrenascentistas e predominância neogótica mostradas em suas ogivas, frontão, elementos decorativos, trabalhos em ferro e pináculos.

A escola estrutura-se em dois andares: no primeiro, estão salas de aula e o escritório da vice-diretora. Ainda, descendo uma escada está a sala de informática, com computadores aparentemente sem uso.

No segundo andar, encontra-se a sala de professores, direção e salas de aula, estas estão isolados e encontram-se sem visão do restante da escola. Ao sair para frente do prédio, que dá na Avenida Moraes Salles, temos a secretaria e o estacionamento dos professores. No sentido oposto, temos o pátio, a cantina, o refeitório, duas salas de aula (totalizando 10 salas de aula do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos - EJA), a biblioteca e os banheiros. O pátio da escola conta com um pequeno palco.

Já a Escola Comunitária de Campinas nasceu em 1977, do esforço conjunto de um grupo de pais e professores, todos saídos do tradicional Colégio Progresso Campineiro. A escola, particular, está localizada no bairro Notre Dame ás margens da Rodovia Dom-Pedro I em um terreno de 10 mil metros quadrados, adquiridos de um loteamento da fazenda Santa Amélia. O bairro é formado por condomínios fechados de alto padrão. Para atender os moradores dessa região há dois grandes centros comerciais, os shoppings Galleria e Dom Pedro, além de pequenas galerias. A escola atende alunos nos

primeiros anos iniciais até o colegial são de famílias abastadas, do próprio bairro e de bairros vizinhos.

## **Metodologia**

O presente trabalho tem como base metodológica a pesquisa de iniciação científica realizada em 2008, 2009 e 2010. Durante esse período foi feito visitas semanais às escolas selecionadas. Sendo a Escola Estadual Francisco Glicério, pública e central, e a Escola Comunitária de Campinas partícula. Durante as visitas a preocupação foi em flagrar o que os jovens consomem em relação a cultura contemporânea de que forma transformam as informações advindas da globalização em conhecimento.

O grupo focal dessa pesquisa os alunos dos 13 aos 15 anos cursando o segundo ciclo do ensino fundamental, especificamente 7º, 8º e 9º séries. Mais especificamente, foram analisadas uma sala da oitava na Comunitária e uma sétima e uma nona série na Francisco Glicério. Utilizei como ferramentas metodológicas a pesquisa qualitativa e quantitativa.

### Pesquisa Qualitativa

Foi feito durante seis meses uma pesquisa etnográfica, na qual os alunos foram observados durante suas atividades dentro das referidas escolas. Os espaços de abordagens foram os intervalos, aulas de história e entrada e saída dos alunos. Nesses momentos apreendi como se vestem, como alteram seus comportamentos nos distintos espaços, se utilizam ou não o celular dentro da sala de aula, como interagem com o(a) professor(a)<sup>3</sup> e com os colegas e, como lidam, durante esse período, com o condicionamento normativo da escola, e principalmente se trazem, e como trazem, suas marcas para dentro desse espaço. Além disso, de que forma esses jovens utilizam os artefatos da cultura contemporânea para produzir conhecimento. Como eles interagem com as ferramentas da web e de que forma essas tecnologias estão presentes no cotidiano escolar.

Em um segundo momento foi observado como o professor elabora seu plano de aula, se há durante essa elaboração, e durante as aulas, aspectos que permitam que o aluno expresse suas marcas sociais, se ele é convidado a ser agente do processo de produção do conhecimento, através da relação entre suas diferentes formas de ver o mundo e o que é proposto pela

---

<sup>3</sup> Durante a pesquisa foi acompanhado um professor de história na Escola Estadual Francisco Glicério, e na Escola Comunitária de Campinas uma professora.

professora. Tive contato com o material utilizado pela professora para conduzir suas aulas, focando sempre em como ela utiliza o computador e os multimeios durante este processo, tanto de elaboração quanto de apresentação dos trabalhos.

Além disso, organizamos fóruns com os alunos com o objetivo de identificar os perfis socioculturais. As situações criadas durante o fórum instigavam os alunos a falarem sobre seus hábitos de consumo, valores, gosto musical, e seu cotidiano, estabelecer relações com a cultura escolar e com suas expectativas em relação ao futuro. As perguntas norteadoras que conduziram o fórum foram elaboradas a partir dos resultados da pesquisa qualitativa realizada previamente.

Foi feito um amplo levantamento de fontes bibliográficas e documentos oficiais, tanto das escolas escolhidas como das oriundas do Ministério e Secretarias de Educação, com o objetivo de identificar nestes documentos a presença dos desejos, e expectativas da comunidade escolar apreendidas na observação das salas de aula e nas falas registradas nos fóruns e entrevistas orais. Vale ressaltar que as observações foram descritas precisamente as relações dadas no ambiente escolar.

### Pesquisa Quantitativa

Foi elaborado um questionário estruturado com questões fechadas dentro dos seguintes temas: educação, mídia, cultura, e Internet. Ele contou com trinta perguntas distribuídas aleatoriamente entre os eixos. Sua aplicação foi feita após a primeira fase da pesquisa qualitativa que contribuiu para a escolha de quinze alunos para a execução do questionário. A escolha dos alunos se deu pelo interesse dos mesmos em participar da pesquisa.

Os dados coletados durante a pesquisa, resultados da pesquisa qualitativa e quantitativa contribuíram com a produção do projeto de iniciação científica e com o presente trabalho de conclusão de curso. A metodologia utilizada durante todo o projeto de iniciação científica contribuiu enormemente para a produção do presente trabalho.

## **Espaço Teórico**

Passeando pela Plaza Dorrego em Buenos Aires, vejo uma mãe apresentando uma máquina de escrever á seu filho de mais ou menos oito anos. \_“Olha filho, antes era assim: a gente colocava a folha aqui, batia nas teclas e já saia tudo escrito nas folhas, não precisava de impressora como hoje”. O menino fica espantado, ri e comenta; \_“Que estranho mãe” . Durante um tempo fiquei pensando, como ele não poderia conhecer uma maquina de escrever? Já que meu pai me fazia escrever em uma dessas todos os dias para aprender a digitar. Para mim era normal fazer os trabalhos em uma máquina de escrever. Realmente esses objetos estão ficando cada vez mais no passado, assim como alguns costumes e relações que tínhamos e que hoje, podemos dizer, saíram de moda.

Antigamente, para fazer os trabalhos de escola era preciso se reunir em grupos para ir às bibliotecas ou usar as enciclopédias que havia em casa. Passávamos horas fazendo resumos, e tecendo trabalhos enormes nas tão conhecidas folhas almaço. Hoje, não é preciso passar tardes com os amigos procurando os assuntos nas tais enciclopédias, basta que cada integrante do grupo tenha acesso a internet e o encontro pode ser marcado virtualmente. Cada um em sua casa, fazendo sua pesquisa através do Google, Wikipédia e Yahoo. Enquanto tece o trabalho escolar eles conversam através do MSN, Facebook ou qualquer outro site de relacionamentos compartilham músicas, vídeos e jogos, tudo isso de olho no celular e possivelmente com a televisão ligada.

Os jovens estão tão familiarizados com o uso dos recursos da Web que transitam com facilidade pela rede acessando um grande número de informação. O computador conectado em rede extinguiu as fronteiras culturais e sociais, e dentre tantas outras coisas, ampliou a liberdade de expressão. Além do acesso rápido a todos os tipos de informação, a internet possibilitou a interação com acontecimentos que estão a milhas e milhas de distância, e a possibilidade de escrever e publicar as diferentes ideias e sentimentos.

Há um grande número de estudiosos preocupados com a nova geração que não brinca mais nas ruas, que não quer mais saber dos livros, e muito menos dos brinquedos tradicionais. Estão preocupados com a crescente capacidade, das crianças e dos jovens, de apreender rapidamente um grande número de informações, de buscar em primeiro lugar os recursos da internet

para resolver os problemas cotidianos e existenciais antes de buscar o auxílio dos pais e educadores. Como essa nova geração transforma toda a gama de informações apreendida em conhecimento? A escola acompanha essa nova geração de aprendizes? Essas questões serão norteadoras no desenrolar do presente trabalho, entretanto, apostando na complexidade e na extensão do assunto não pretendo esgotá-lo, apenas me proponho a dialogar com autores que elucidam a questão no sentido de fomentar a discussão sobre um tema contemporâneo e necessário.

Há alguns anos ficamos perplexos com a possibilidade de nos comunicarmos através dos e-mails, de enviar cartões online para nossos entes queridos sem precisar utilizar o correio. Há algum tempo ainda já havíamos ficados surpresos com a facilidade do controle remoto e dos celulares. Hoje não somos capazes de imaginar, um dia se quer, sem as facilidades que o mundo globalizado e informatizado que a internet, e suas ferramentas, nos proporcionam. Se nós que ficamos perplexos não conseguimos nos imaginar sem o nosso controle remoto ou sem o *tablet*, como seria para a geração pós anos oitenta passar um dia sem o computador, internet e celular.

O processo histórico de evolução social evidencia a constante busca por criar ferramentas que amplie e garanta a melhor qualidade de vida dos integrantes de uma comunidade. O advento da sociedade industrial trouxe consigo maquinários que permitiram produzir o dobro do que era produzido antes com a exclusiva força de trabalho operário. O excedente de mão de obra teve que buscar novas ocupações, foi obrigado a ter novas ideias e com o curso da história passou-se a esperar que as pessoas se especializassem de modo a conferirem um novo valor a nossa sociedade. Não foi preciso se preocupar com: alimentação, vestuário, e abrigo, passaram a valorizar o entretenimento, a criatividade e o status.

A prensa de Gutenberg<sup>4</sup> foi uma ferramenta que iniciou a ampliação da disseminação de conhecimento em massa. Antes deste invento os livros eram escritos por monges, alunos e copistas, demoravam meses para serem

---

<sup>4</sup> Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg, ou simplesmente João Gutenberg (Mogúncia, c. 1398 - 3 de Fevereiro de 1468) foi inventor alemão que de 1436 a 1460 dedicou-se inteiramente à invenção da prensa. Sua invenção do tipo mecânico móvel para impressão começou a Revolução da Imprensa e é amplamente considerado o evento mais importante do período moderno. Teve um papel fundamental no desenvolvimento da Renascença, Reforma e na Revolução Científica e lançou as bases materiais para a moderna economia baseada no conhecimento e a disseminação da aprendizagem em massa.

entregues e tinham elevado custo, o que impossibilitava o acesso a toda a população. Filho de família abastada Gutenberg criou uma ferramenta capaz de dinamizar e ampliar o acesso aos livros e garantir a maioria da população o acesso a cultura letrada que antes era privada.

A internet através da sua conexão em uma mesma rede é um instrumento que vem substituindo tantos outros, e tem modificado a interação social da geração pós anos 80. Além de permitir a comunicação sem fronteiras, ela troca a narrativa, os encontros com os amigos, a conversa nas ruas, pela escrita e através do pensamento não linear ela permite a transitoriedade sem limites no tempo e no espaço. Entretanto ela passou por modificações até chegar ao que conhecemos hoje. No final dos anos 80 a internet trazia como ferramenta a *web 1.0* que apresentava a função de ser uma biblioteca, na qual o internauta buscava informações sem ter vínculos com a fonte, a não ser através das trocas de e-mail, era semelhante a uma TV onde a transmissão é direta e sem interação. Com o advento da *web 2.0* o usuário passa a interagir, faz contato com outros usuários, pode baixar e compartilhar arquivos, músicas, e promove a formação de grupos sociais o que possibilita a interação com pessoas do mundo todo.

Diferentemente do que ocorria na *Web 1.0*, com a consolidação e o acelerado crescimento da Internet nos últimos anos, a partir do advento da *Web 2.0*, novos mecanismos foram sendo criados, possibilitando novas condições técnicas e sócio-culturais para a ampliação das práticas comunicativas no mundo digital. Nesse novo ambiente, o usuário pode controlar os próprios dados. Na nova rede, há, portanto uma arquitetura de participação que inclui funcionalidades que possibilitam às pessoas não apenas receber, mas também publicar informações no sistema. Assim, mesmo que o usuário não tenha qualquer conhecimento técnico, pode criar seus espaços na rede. A exemplo disso, é possível citar o *blog*, o *Facebook*, o *Orkut*, *Youtube*, o *Podcast*, entre outros suportes digitais que possuem tecnologias que estimulam os usuários a produzir os seus próprios conteúdos. Dessa forma, além de possibilitar que as pessoas estejam visíveis na *web*, também se tornam ambientes em que se formam redes sociais. (PINHEIRO, 2009, p227.).

É sabido que grande parte da população, sobretudo brasileira, está constantemente lutando pelos direitos básicos de sobrevivência. Entretanto, o que busco evidenciar é o processo de mudanças sociais á luz dos adventos tecnológicos, sobretudo a partir da relação entre a geração emergente diante da globalização, conectada e ligada em rede que processa a sobrecarga de

informação através de tecnologias e meios diversos pautados na escolha, na percepção do mundo como um quadro, em que a distância física não representa problema ou restrição à comunicação, sob o signo da não linearidade. (MEISTER, 2010.p.62).

A geração<sup>5</sup> pós anos oitenta vem recebendo diferentes denominações, entre elas a de *Homo Zappiens*<sup>6</sup>: é um expoente das mudanças sociais relacionadas a globalização e ao uso cada vez maior da tecnologia em suas vidas(VEEN, WIM & VRAKING, BEN, 2009).

O *Homo Zappiens* traz dentro de si a inquietude da sociedade pós anos noventa, se antes as crianças eram conduzidas pelos pais e educadores a se concentrarem em apenas uma atividade: era preciso terminar uma atividade antes de começar outra. O *homo Zappiens* vai além, ele é capaz de estar conectado com um amigo que vive na Europa enquanto estuda para a sua prova de matemática, e ainda sim estará falando com sua namorada via MSN, e possivelmente acompanhando as atualizações de seus amigos no Facebook. A geração anterior saía da aula e ficava conversando na frente da escola, a geração de hoje corre pra casa, pra se conectar ao mundo. Mesmo quando estão juntos eles estão conectados através de seus celulares, mostrando suas novas ferramentas para seus colegas, ou o que pode parecer mais absurdo, estão no mesmo lugar, mas estão mudos conversando por mensagens através do celular.

O que as crianças fazem e o que pensam é o resultado da interação que estabelecem com o que está ao seu redor, o mundo externo. E desde muito cedo – já que o mundo lhes chega por meio da televisão, do telefone e da internet – a influência desses meios de comunicação em massa é real e é importante. Mais importante ainda porque o mundo está mudando rapidamente por meio dos efeitos revolucionários das novas tecnologias (VEEN, WIM & VRAKING, BEN, 2009).

---

<sup>5</sup> Quando utilizo o termo geração eu não desconsidero a abrangência do termo, considero uma época determinada, pós anos 80, jovens versados em tecnologia em relação às décadas anteriores que não dispunham de amplo acesso aos meios tecnológicos de informação, conhecimento e comunicação.

<sup>6</sup> O termo *Homo Zappiens* ao invés do termo *Homo Sapiens* é utilizado no sentido de aludir à geração Y pós anos 80 que nasceu com o controle remoto nas mãos e que sente a necessidade de zapear, de ter um panorama geral dos programas televisivos, dos acontecimentos, das últimas notícias e das novas tecnologias. Que faz das tecnologias seu próprio corpo, pela aderência dos componentes eletrônicos que permitem evidenciar a identidade desta nova geração que através desse amalgama de informação produz conhecimento significativo.



Os filhos da era digital estão tão versados em mídia que a televisão já é algo ultrapassado; isso porque ela simplesmente transmite informações ao contrário do computador, que apresenta um leque de opções interativas capazes de incitar a criatividade, o aprendizado, a imaginação, e a sensibilidade necessária para potencializar o olhar às diversas possibilidades do mundo tecnológico.

Essa mudança de difusão pública para interatividade é a base da Geração net<sup>7</sup>. Eles querem ser usuários – não apenas espectadores ou ouvintes. O resultado é que o tempo gasto no computador e na Net é o tempo longe da televisão. Os jovens de hoje assistem menos à televisão do que há cinco anos e bem menos do que seus pais na mesma idade. A tendência vai continuar à medida que o novo meio for sendo introduzido nos lares, seu uso tornar-se mais fácil e aumentar em rapidez, serviço e conteúdo. (TAPSCOTT, 1999, p.3)

Os avanços tecnológicos contribuíram com a expansão capitalista, e vem facilitando enormemente a vida de seus usuários, diminuindo fronteiras, ampliando as possibilidades de comunicação e de produção. Entretanto, o mais importante é entender que independente das inovações e das facilidades que essas ferramentas nos proporcionam, a forma como as utilizamos é o que realmente importa. Sendo assim, uma das instituições responsáveis por aumentar o acesso à cultura global e diminuir as diferenças sociais é a escola. Não que ela seja exclusiva, mas sem dúvidas faz parte de suas competências tornar o acesso à tecnologia algo passível de mudança social. Não deixando que a expansão dos recursos tecnológicos, que na atualidade vem movimentando a sociedade capitalista, se esgote em si mesma, e fazendo com que se transforme em conhecimento capaz de movimentar a sociedade no sentido de mudanças.

A escola é um espaço físico constituído por seres humanos detentores de visões de mundo diversas, capazes de produzir história. Por isso, a vida escolar é algo dinâmico, não linear, carrega dentro de seus portões a história de cada um que a compõe, seja, negro, branco, jovem, velho, professores, funcionários ou alunos. Todos fazem parte de um cenário social que constitui e é constituído pela sociedade na qual está inserida.

---

<sup>7</sup> O termo *N – Gens* refere-se à geração de crianças que, em 1999, tem entre 2 e 22 anos de idade, não apenas aquelas que são ativas na internet. A maioria dessas crianças ainda não tem acesso à internet, mas tem algum grau de fluência no meio digital.

Até os anos 80 a escola era pensada como uma intuição funcionalista na qual as teorias da reprodução, tais como as de: Bourdieu e Passeron; Baudelot e Establet; Boweles e Gintis; entre outros, pensavam que a escola estava linearmente ligada à macro estrutura social e cabia a ela somente reproduzir as características da sociedade capitalista vigente.

Após os anos oitenta os paradigmas começaram a mudar e a escola passou a ser vista não mais como reprodutora da sociedade capitalista, mas sim um espaço de confronto de interesses. De um lado a instituição baseada em hierarquia, com regras, conteúdos definidos, que diferencia o trabalho que tende a tolher seus integrantes e de outro os sujeitos, alunos, professores e funcionários que movimentam um cotidiano vivo, não linear, e que acaba criando uma lógica própria de interrelações fazendo da escola um processo permanente de construção social. (DAYREL, 2007) .

Considerar a escola como um espaço dinâmico e não linear é ver a instituição como um espaço sociocultural, que traz consigo a dualidade de possibilidades, está impregnado de passado, tradições, e conceitos e que ao mesmo tempo traz a possibilidade do novo.

Desta forma, o processo educativo escolar recoloca a cada instante a reprodução do velho e a possibilidade da construção do novo, e nenhum dos lados pode antecipar uma vitória completa e definitiva. Essa abordagem permite ampliar a análise educacional, na medida em que busca apreender os processos, reais cotidianos, que ocorrem no interior da escola, e ao mesmo tempo em que resgata o papel ativo dos sujeitos, na vida social e escolar. (Dayrel, 2007).

Sendo a escola um espaço sociocultural ela não pode deixar de considerar as novas formas de produção do conhecimento que hoje estão interligadas com a cibercultura. Esse novo ambiente comunicacional – cultural surge com a expansão do uso dos computadores interligados em redes e proporciona um novo espaço de sociabilidade, cultura, comunicação, comércio, conhecimento e educação. Se a instituição escolar deixa de considerar este novo conglomerado de informações e de formas multifacetadas de se produzir conhecimento ela vai na contramão da história e de suas evoluções.

Hoje então, passamos a conhecer um novo espaço de leitura e de aprendizagem, o aluno deixa de ser passivo, de esperar que o professor não

faça da aula um monólogo, e das tarefas um castigo e passa a relutar contra a linearidade das rotinas escolares, de seus pensamentos e atos. Esses jovens vivem a cibercultura e clamam para que a escola condicione essa realidade a seu cotidiano.

A cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas, fomentando agregações sociais. O ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios. *Homepages*, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema. (Lemos, 2002; Lemos, 2002; p.87.)

Cibercultura quer dizer modos de vida e de comportamentos assimilados e transmitidos na vivência histórica e cotidiana marcada pelas tecnologias informáticas, mediando a comunicação e a informação via Internet. Essa mediação ocorre a partir de uma ambiência comunicacional não mais definida pela centralidade da emissão, como nos media tradicionais (rádio, imprensa, televisão), baseados na lógica da distribuição que supõe concentração de meios, uniformização dos fluxos, instituição de legitimidades. Na cibercultura, a lógica comunicacional supõe rede hipertextual, multiplicidade, interatividade, imaterialidade, virtualidade, tempo real, multissensorialidade e multidirecionalidade (Lemos, 2002; Levy, 1999).

Vale dizer que a cibercultura não é subcultura ou uma cultura específica dos jovens, a cibercultura é uma nova forma de cultura. A cada época a sociedade tende a ser determinada por uma cultura vigente e a contemporânea é a cibercultura. É sabido que os indivíduos que nascem imersos na cultura vigente tem mais facilidade em manusear e entender os equipamentos de sua contemporaneidade, por isso os jovens tendem a ensinar os mais velhos, os que vivenciaram essa transformação cultural, sobre os sabores e dissabores da cibercultura.

Durante o projeto de iniciação científica, tive contato com os estudantes com idade entre 10 e 15 anos, através das visitas à Escola Comunitária de Campinas e a Escola Estadual Francisco Glicério. Durante esse período pude apreender a angústia vivida pelos jovens diante as expectativas sociais, da família e das escolas em relação as suas atitudes e aspirações. Os

sentimentos ambivalentes presentes nas falas dos jovens produzem desconfiças sobre suas capacidades de se construir críticas e contribuições significativas no campo social. Isso ocorre porque os jovens são vistos pela escola, pela família e pela igreja como alguém que ainda não alcançou a maturidade dos adultos, mas ao mesmo tempo essas instituições cobram atitudes maduras desses jovens. Eles se encontram, então, perdidos no cenário social. Somos impelidos a não vê-los em sua integridade, e deixamos de nos atermos para suas práticas como resultados da interação com o mundo. Por não conhecer como se da essa interação criam-se políticas controladoras no sentido de reprimir e excluir a participação dos mesmos nos processos de construção do conhecimento crítico sobre a realidade na qual estão inseridos. Não conseguimos dar vozes a esses jovens por considerarmos suas falas deslocadas do contexto sociocultural, não desvelamos seus significados e, dessa forma, não somos capazes de nos aproximar de suas realidades e de contribuir para sua formação enquanto sujeitos críticos e atuantes. Criamos, assim, uma grande *Torre de Babel* onde as gerações não se relacionam,

A contemporaneidade contribui para o esfacelamento das experiências vividas e em contra partida insere valores que tendem a formatar os seres humanos para que sejam cada vez mais individualistas e passem a consumir informações de forma autônoma e rápida, sem criticidade e autonomia.

Na escola Francisco Glicério, por ser uma escola central, os jovens procedem de vários bairros de Campinas, cada um vem de uma realidade e não possuem contato entre si fora desse espaço, a não ser, pelo espaço virtual: em sites de relacionamento e programas virtuais de comunicação instantânea. Logo, em consequência a isso, eles trazem intensamente as histórias de suas vidas para o cotidiano escolar, se manifestam sobre suas particularidades nas formas de se vestirem, nos estilos visuais, estão muito voltados para si, talvez por isso, adotem espaços que são públicos como seus. Por exemplo, quase todas as carteiras da sala de aula da 8ªC, na escola Francisco Glicério, possuem os nomes de seus ocupantes.

Em contra partida a Escola Comunitária de Campinas atende o segmento da população de classe média e classe-média alta da cidade de Campinas. Os alunos dessa escola, especificamente os alunos do oitavo ano acompanhados por mim durante a pesquisa, compartilham da mesma realidade

sociocultural, possuem um grande respaldo econômico e cultural, garantidos pelo capital e pelo amálgama de cultura presentes na escola e em casa. Os alunos desfrutam de viagens ao exterior, o que contribui para a expansão das relações com outras culturas e ao fácil manejo relacional entre os saberes escolares com os da vida cotidiana. Por ser uma escola aliada à comunidade a aprendizagem dos alunos é acompanhada de perto pelos pais e pelos agentes presentes na escola. Dessa forma a aprendizagem escolar é uma extensão da realidade vivida fora dela, eles não são levados a trazer para dentro do espaço escolar suas diferentes identidades, visto que a escola é constituída por todos os seus agentes. Entretanto as diferenças se fazem presentes no desempenho individual de cada aluno e da relação que cada um estabelece com as oportunidades que lhes são cedidas durante sua convivência com a família e a sociedade que os cercam. Portanto o lugar de onde esses alunos falam é pleno de oportunidades e de segurança e a escola é vista como um espaço de vivências e de oportunidades.

As escolas possuem características diferentes, visto que uma é particular e a outra pública. Sendo espaços destinados à formação as duas compartilham dos mesmos objetivos, modelar, estruturar pensamentos, e difundir concepções de mundo a partir de um conjunto variado de formas simbólicas. A Escola Comunitária por atender a uma classe social específica tende a atender as aspirações dos jovens com mais facilidade, porque sabe de onde esse alunos falam, como falam e porque falam; dessa forma suas políticas educacionais seguem em consonância com as experiências vividas por esses jovens. Ela trabalha com a diversidade e as diferenças dentro do espaço escolar como ferramentas complementares para o acúmulo de conhecimento, e não como um problema a ser resolvido.

Através da pesquisa quantitativa na Escola Comunitária pude notar que a grande maioria dos alunos entrevistados segue certo padrão de gostos musicais, vestimentas e de acesso à cultura<sup>8</sup>. Vale ressaltar que não estou afirmando que todos pensam da mesma forma e agem na mesma direção e que por isso a escola caminhe sem contradições, o que venho explicitar aqui é que o público atendido por ela tende a consumir o mesmo tipo de cultura por

---

<sup>8</sup> As informações utilizadas são resultados da pesquisa quantitativa feita a partir do questionário baseado no questionário elaborado por Charlot (CHARLOT,2006.)

estar imerso na mesma realidade. Entretanto considero a individualidade de cada aluno constituída a partir de suas relações estabelecidas com a sociedade nas quais estão inseridos. Durante a análise dos questionários foi possível identificar que todos os alunos da escola Comunitária de Campinas manifestaram um grande apreço pela instituição escolar. Eles vêm à escola como necessária para a continuidade dos estudos, e não, meramente, como trampolim para o mercado de trabalho como é o caso da Francisco Glicério, nesta escola pelo contrário, os alunos afirmam que o tempo escolar é fundamental para a aquisição de um bom emprego e de melhores condições de vida, não só para eles como também para os pais. Eles reconhecem o valor da escola para a progressão no mercado de trabalho, mas não a veem como um espaço de vivências, de construção e de relação com os distintos saberes. Isso se dá porque a escola não conhece seus alunos, não considera suas experiências e torna-se cada vez mais distante de suas realidades. Por isso a escola tornou-se para esses alunos um espaço de amizades e de lutas veladas, onde o aluno traz para dentro da mesma suas marcas, suas identidades e seus conflitos no ímpeto de torná-la mais próxima de suas vivências.

A internet, os telefones multifuncionais, e a mídia são estruturas que tendem a facilitar a vida dos alunos. Entretanto pode vir a ser perigosa quando se torna o próprio aluno. Como é o caso da escola pública, onde os alunos deixam que a Internet fale por eles. Durante a produção dos trabalhos copiam o que a Internet traz e lê para o professor de forma natural e tranquila, e o mesmo aceita, desde que seja copiado e não impresso, pois acredita que copiando eles são capazes de assimilar o conteúdo. A matéria passada na lousa pelo professor não é mais registrada no caderno e sim através de fotos pelo celular. Em contra partida na escola particular, os alunos são orientados sobre quais sites devem utilizar para a confecção dos trabalhos, é disponibilizado um período da aula para que a professora acompanhe o acesso a Internet, e os sites utilizados devem estar presentes indispensavelmente na bibliografia. O telefone celular é proibido durante a permanência no espaço escolar, visto que eles estão naquele espaço e devem vivê-lo através da companhia dos colegas e dos professores, não ouvir música, acessar a Internet ou tirar fotos da lousa.

A questão explicitada não é se os extratos sociais estudados têm ou não acesso aos artefatos da cultura contemporânea, mas sim como os utilizam e como os relacionam com as práticas escolares. Se a escola não estabelece relação com tais artefatos de forma a torná-los ferramentas de auxílio para a produção do conhecimento os alunos tendem a não exercitar sua capacidade de produção e dessa forma deixam que a Internet fale por eles.

A família, a escola e a mídia são categorias que tem como função contribuir para a formação dos jovens. Quando a escola e a família não estão aliadas no sentido de contribuir para tal formação fica a cargo da mídia formá-los para seu consumo deliberado. Após a análise dos resultados obtidos através da pesquisa ficou evidente que os jovens da escola pública estão transitando sozinhos entre as categorias e acabam perdidos em meio ao turbilhão de informações, não sabem como utilizá-las e vão direto para o mercado de trabalho sem nenhuma formação, nem se quer pensam em ingressar na faculdade. Enquanto que os alunos da escola particular recebem tal respaldo e perpassam por outras instituições do saber antes de se inserirem em atividades remuneradas. Acredito que a tarefa de aglutinação das três categorias seja algo complicado de se estabelecer dentro do âmbito público, entretanto não há nem mesmo o esforço de se estabelecer um diálogo entre si. Além disso, o apagamento da identidade jovem dentro desse espaço contribui para o insucesso e para a formação de jovens perdidos no cenário social, impossibilitados assim, de se verem como agentes passíveis de mudanças.

Portanto os jovens da Francisco Glicério não estão sendo preparados para utilizar a facilidade e a circularidade de informações que os rodeiam, enquanto que os alunos decorrentes do extrato social mais favorecido são capazes de se fazer valer de tais informações como ferramentas para a construção do conhecimento contribuindo, assim, para a progressão do sucesso individual.

A cultura de massa é responsável pela ampliação ao acesso às informações. Os artefatos da cultura contemporânea utilizados como ferramentas para essa expansão midiática de informações estão presentes nas duas realidades estudadas. Entretanto a forma como são utilizadas tais ferramentas variam de acordo com a informação que se tem sobre sua

utilização. Quando a multimídia está atrelada às práticas pedagógicas torna-se possível construir novas formas de interação educativa.

Com o advento da microeletrônica e da informática as informações passaram a circular de forma dinâmica, mas essas informações estão distantes de serem consideradas conhecimento. Pois assumo como conhecimento as informações que perpassam pelas diferentes visões de mundo de cada indivíduo criam um novo significado a partir dessa sensibilidade passando assim a emitir sentindo dentro de um espaço, tempo e amálgama de visões de mundo de cada indivíduo.

A escola tende a manter a erudição antiquada na qual o aluno tem de repetir o que professor repassa durante suas aulas. Hoje, as funções repetitivas cabem aos computadores e não mais aos alunos, esses são impelidos pela mídia multifacetada a interagir com o conhecimento assumindo uma postura dinâmica e criativa. Entretanto vale ressaltar que na escola particular, visitada, os esforços de integração entre os adventos da microeletrônica e da informática caminham no sentido de incluir o cenário escolar dentro do cenário global imerso na cibercultura.

É sabido que a educação precisa ser repensada e que é preciso criar formas alternativas para aumentar o entusiasmo dos professores e ampliar o interesse do aluno. Os professores por si só e com as precárias estruturas presentes na escola pública não estão sendo capazes de utilizar os adventos tecnológicos como parte integrante do conhecimento escolar. O acesso à tecnologia em si não resulta em incitar a produção do conhecimento, é preciso que a escola assuma como extrema importância orientar seus alunos que a coleta de informações, e seu tratamento são exercícios que devem ser prioritários para interagir de forma qualitativa com as ferramentas multimídias.

Os recursos tecnológicos facilitam a passagem do modelo mecanicista para uma educação sociointeracionista, ainda que a realização de um novo paradigma educacional dependa do projeto político-pedagógico da instituição escolar, da maneira como o professor sente a necessidade desta mudança e da forma como prepara o ambiente da aula. É importante criar um ambiente de ensino e aprendizagem instigante, que proporcione oportunidades para que seus alunos pesquisem e participem na comunidade, com autonomia. (FARIA, 2004)

A tecnologia não é meramente uma ferramenta facilitadora de transmissão de conteúdo. Ela deve ser parte da educação e não um apêndice



da mesma. Por isso é de extrema emergência que os educadores, principalmente da escola pública<sup>9</sup>, incitem o aprimoramento do uso do intelecto por parte dos alunos.

Imaginemos um professor de biologia usando um computador em sua classe, instigando uma pesquisa sobre felinos e seus hábitos. Os alunos pesquisando os animais, suas velocidades em corrida, seus hábitos alimentares, predadores etc. Ao invés das tradicionais redações de "pesquisa" as informações alimentariam um banco de dados, no computador da sala de aula. A pesquisa não terminaria aí, pelo contrário, iniciar-se-ia. A classe, estimulada pelo professor, levantaria hipóteses – por exemplo, quem corre mais: os felinos de hábitos noturnos ou diurnos? A pesquisa no computador apontaria para uma velocidade maior dos felinos de hábitos diurnos e o professor instigaria a discussão sobre o resultado. A classe discutiria a camuflagem natural da noite, a maior importância da velocidade à luz do dia etc. (SEABRA, 1994).

Se os órgãos responsáveis pela educação voltarem seu olhar para o dia-a-dia de seus alunos verão que eles passam a maior parte do tempo imersos na vigente cibercultura. Se isso fosse entendido e repensado a escola, então, estaria mais próxima de sua função genuína de tornar esses alunos em cidadãos críticos e autônomos, capazes de utilizar com mais discernimento as informações que circulam no mundo ao seu redor. A mudança do uso do computador nas escolas é lenta, pois depende não só do apropriamento da formação dos professores, mas também da disponibilização dos computadores nas salas de aula. Embora os computadores em algumas escolas ainda estejam desvinculados das salas de aula eles estão presentes na vida dos alunos quando vão produzir os trabalhos escolares, entretanto os professores ainda não utilizam as potencialidades da informática como forma de aprimorar e de aproximar suas aulas da realidade social.

Antigamente, os alunos iam até os laboratórios de informática utilizar o computador para aprender a utilizar programas básicos. Essas atividades eram totalmente desvinculadas da realidade dentro da sala de aula. A mudança para a apropriação dos meios tecnológicos no cenário educacional não é algo que se dê instantaneamente, é algo gradual e que demanda tempo, força de

---

<sup>9</sup> Partindo da pesquisa feita posso afirmar que os professores da escola pública tendem a deixar o computador fazer o papel de educador, utilizando vídeos e ferramentas que continuam a transmitir informação de forma linear e passiva.

vontade por parte dos órgãos responsáveis e professores, e de um contínuo nível de criticidade.

A existência de cursos especializados em como se apropriar dos meios tecnológicos na educação é algo que, em termos de formação continuada deve ser realidade na educação. Os professores deveriam estar em constante contato com as inovações e com as inúmeras possibilidades do uso da tecnologia, sobretudo os computadores, dentro das salas de aula. Antes de ser algo prático, de uso cotidiano, é preciso cultivar o olhar crítico para essas práticas de forma a sempre modificar de se adequar e inovar. O pensamento e as ações devem ser dinâmicos, é estar sempre em busca da inovação, da melhoria e das possibilidades outras que não as do cotidiano estático do giz e da lousa.

É sabido que para isso se tornar realidade no cotidiano dos docentes é necessário que haja políticas públicas de incentivo não só à formação continuada, mas também a formação acadêmica. Melhores salários, menos jornadas de trabalho, e melhores condições de trabalho. Entretanto, esperar apenas por isso é ficar paralisado no tempo, e tornar-se ultrapassado. Em alguns anos as salas de aula e as práticas conservadoras trarão tanto espanto aos alunos como na ocasião da máquina de escrever para a criança passeando com sua mãe na Plaza Dorrego em Buenos Aires.

## Referências bibliográficas

ABUD, K. Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. (1997) In, BITTENCOURT, Circe – *O saber histórico em sala de aula*. Contexto, São Paulo, p 28-41.

ARFUCH, L. (Comp.) (2005) *Identidades, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires, Argentina, Prometeo libros.

ALDEROQUI, S. comp. (1996). *Museos y escuelas: socios para educar*. Paidós, Buenos Aires.

AISENBERG, Beatriz Y ALDEROQUI, Silvia (comp) (1994) *Didáctica de las Ciencias Sociales. Aportes y reflexiones*. Buenos Aires: Paidós Educador.

AISENBERG, Beatriz Y ALDEROQUI, Silvia (comp) (1998) *Didáctica de las Ciencias Sociales II. Teorías con prácticas*. Buenos Aires: Paidós Educador.

ASENCIO, M. y POL, E.( 2000). *Aprendizaje informal sobre el patrimonio los museos y la ciudad*. Aique, Buenos Aires.

BAUMAN, Zygmunt. (1999) *Modernidad líquida*. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.

BAUMAN, Zygmunt.. (1999) *Miedo líquido*. Paidós, Buenos Aires.

BENEJAM, P. Y PAGÉS, J. (coord.), COMES, P. Y QUINQUER, D. (1997) *Enseñar y aprender ciencias sociales, geografía e historia en la escuela secundaria*. Barcelona: Ice-Horsori

BIANCONCINI de ALMEIDA, Maria Elizabeth, MORAN, José Manuel - 2005 – *Integração das Tecnologias na educação – Salto para o Futuro*. Brasília

BITTENCOURT, Circe (1993)– *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia , Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo.

BOLETIM PEDAGÓGICO – PROEB 2001 - Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora – Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação, 2002

BURBULLES, Nicolas y CALLISTER, Thomas (2002) - *Educación: riesgos y promesas de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación*. Madrid, Granica.

CENPEC - *Escutar: um ponto de encontro*. S.Paulo.1998. ( Colecao Jovens e Escola Publica, 1)

\_\_\_\_\_ - *Olhar: histórias de lugares e vínculos*. S.Paulo.1998. ( Colecao Jovens e Escola Publica, 2)

----- - *Pertencer: subjetividade, socialização e saber*. S.Paulo.1998. ( Colecao Jovens e Escola Publica, 3)

CERRI, Luis .( 1999) – O trabalho educativo das imagens da nação no “Milagre brasileiro” (1969-1973) e na comemoracao dos 500 anos do descobrimento do Brasil (1998-2000) In, SCHIMIDT, M.A. e CAINELLI, Marlene – III Encontro : *Perspectivas do Ensino de Historia*. Curitiba. : Aos Quatro Ventos,. p. 453- 470).

CHARLOT, Bernard (2000) - *Da relação com o saber: Elementos para uma teoria*. Porto Alegre. ArtMed,

\_\_\_\_\_ 2001- (org.) *Os jovens e o saber – perspectivas mundiais*\_Porto Alegre. ArMed.

CHERVEL,André 1990 – Historia das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Revista Teoria & Educacao*, Rio Grande do Su, n.2, p 177-229.

CURY, Carlos. set. 2002 – A educação básica no Brasil. – Educação & Sociedade – Revista de Ciência da Educação. Campinas, v. 23, n. 80.

DAYRELL, Juarez. Jan.2007 – A Escola como Espaço Sociocultural - [http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/sec21/chave\\_artigo.asp?cod\\_artigo=1068](http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=1068).

FARIA, Elaine. 2004 - O Professor e as Novas Tecnologias. In, ENRICONE, Délcia (Org.). Ser Professor. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 (p. 57-72).

FERRO, Marc – 1993 - *Cómo se cuenta la historia a los niños en el mundo entero*, Bs. As., FCE.

----- *Historia y cine* 1987. Editorial Gustavo Gili, Barcelona.

FIUZA, Alexandre. 2003 – A canção popular e a ditadura militar no Brasil. In, CERRI, L.F. (org.) – *O ensino de História e a ditadura Militar*. Curitiba. Aos Quatro Ventos. pp. 67 – 105.

FINOCHIO, Silvia. 2007 *Cultura Contemporânea y de Memória*. Mimeo, Buenos Aires.

\_\_\_\_\_ 1993 - (coord) - *Enseñar ciencias sociales*. Troquel Educación, Buenos Aires.,

FREIRE, PAULO – 1968 - A *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

\_\_\_\_\_ 1970 *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

GALZERANI, Maria Carolina 2004– Memória, História e (re) invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In, Menezes, Maria Cristina (org) – *“Educação, Memória e História”*. Campinas, S.Paulo: Mercado de Letras.pp287-330.

\_\_\_\_\_ Belas Mentiras ¿ A Ideología nos Estudos sobre o Livro Didático. In, *O Ensino de História e a criação do fato*. Contexto.Sao Paulo. 1988, p. 105- 109.

JULIA, Dominique. 2001 *A cultura escolar como objeto histórico*. *Revista Brasileira de História da Educação*. São Paulo, n.1.. p. 9-43.

LEMOS, André. 2003 (orgs) *Olhares Sobre a Cibercultura*. Porto Alegre. Sulinas.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LORENZ, F. (2006) “*El pasado reciente en la Argentina: las difíciles relaciones entre transmisión, educación y memoria*”, en Carretero, M, Rosa, A y González, M. F. *Enseñanza de la historia y memoria colectiva*. Buenos Aires, Paidós.

LUCINI, Marizete et alli 2007 – *Na esteira da razão histórica : olhares e diálogos* com a obra de Jörn Rüsen – In, ZAMBONI, Ernesta (org.) *Digressões sobre o ensino de História*. Itajaí. Edit. Maria do Cais.

MARTINS, Maria do Carmo 2002– *A História prescrita e disciplinada nos currículos escolares : quem legitima estes saberes ?*. Bragança Paulista. Universidade São Francisco.

Meirieu, Philippe 2004 - *En la escuela hoy*. España, Barcelona, Octaedro,

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – SECRETÁRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL, *Propostas Curriculares Nacionais – História* , 1998.

MIRANDA, Sonia Regina. 2008 *Sob o signo da Memória- Cultura escolar, Saberes docentes, História Ensinada*. São Paulo, EDUNESP,

\_\_\_\_\_ e Luca, Tânia Regina 2004 – O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD –In, *Revista Brasileira de História*. – Produção e divulgação de saberes históricos e pedagógicos. Vol.24, no. 48..

MUNAKATA, Kazumi 1997 – *Produzindo livros didáticos e Paradidáticos*. Tese de doutorado. PUC. São Paulo.

NADAI, Elza 1992 – O ensino de história no Brasil : trajetória e perspectivas.In, Memória. História, Historiografia – Dossiê ensino de história. *Revista Brasileira de História*. 25/26. ANPUH. Editora Marco Zero, vol. 13. pp 143-162.

NAPOLITANO, MARCOS 1999- *Historia & Música: historia cultural da música popular brasileira*. Belo Horizonte. Autentica..

OLIVEIRA, Sandra R. 2003 – O tempo, a criança e o ensino de Historia.In, ROSSI, V.L.D. de; ZAMBONI, E. – *Quanto tempo o tempo tem*. Campinas. Alínea. .

\_\_\_\_\_ 2006 *Educação Histórica e a sala de aula.O processo de aprendizagem em alunos das series iniciais do ensino fundamental*. Tese de doutorado.UNICAMP.

PAIS, José Machado 1999 – *Consciência Histórica e Identidade.- Os jovens europeus num contexto europeu*. Celta Editora..

PIAGET, J. 1996- *A construção do real na criança*. Ática. São Paulo. 3ª. Edição.

PINHEIRO, Petrilson, 2011 - *A escrita colaborativa por meio do uso de ferramentas digitais: ressignificando a produção textual no contexto escolar*. Vol. 9, n. 3, p. 226-239, set/dez.

RÜSEN, J. 1997 - “El libro de texto ideal. Reflexiones entorno a los medios para guiar las clases de historia” En *Iber Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia*, 12.- “El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico.

-----\_1992 Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral.” En *Rev. Propuesta Educativa*. Año 4 N.º 7, FLACSO. Miño y Dávila Editores.

\_\_\_\_\_2001 - *Razão Histórica: teoria da historia – os fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília. Edit. Universidade de Brasília.

SALAS, Mariana, CIFELLI, Pablo 1998 – Juventud, cultura y educación: la práctica docente frente a los desafíos de la cultura juvenil. *Contemporaneidade e Educação*. R. de Janeiro, v.3, n.3, p. 153-172. mar.

SCHMIDT, M. Auxiliadora 2005– *Jóvenes brasileños y europeos : Identidad, Cultura y Enseñanza de la Historia* ( 1998-2000) In. ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS SOCIALES. Revista de investigación.- no.4, marzo . pp- 53-64.

SEABRA, Carlos – 1994. *Uma Nova Educação para uma Nova Era* - <http://cseabra.wordpress.com/1994/05/01/uma-nova-educacao-para-uma-nova-era/>

SPOSITO, M. Pontes 2000– Algumas hipóteses sobre as relações entre os movimentos sociais, juventude e educação. *Revista brasileira de Educação*. São Paulo, n.13, p.73-94, jan/abril  
\_\_\_\_\_ 1999 - Educação e Juventude. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n.29, p.7-13, jun.  
\_\_\_\_\_ 1997- Estudos sobre Juventude em educação. *Revista brasileira de Educação*. São Paulo, n.5/6, p.37-52, maio/dez..

TAPSCOTT, Don.1999 – Geração Digital – A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net. Makron, São Paulo.

VAN ZANTEN, Agnes. 2000 Cultura da rua ou cultura da escola ?. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.26, n.1, p 23-52. jan./jun..

Veen, Wim, Vrakking, Bem 2009 - Homo Zappiens: Educando na era Digital. Artmed, Porto Alegre

VYGOTSKY, L.S. 1991- *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

YÚDICE, G. (2002) *El recurso de la cultura. Usos de la cultura en la era global*. Barcelona, España, Gedisa, 2002

WALLON, L.S 1981 – *A evolução psicológica da criança* . Lisboa. Editorial Setenta.

\_\_\_\_\_ - *De l'acte a la pensee: Essai de psychologie comparée*. Paris. Flammarion, 142.



ZAMBONI, Ernesta 2005 – *Encontros Nacionais de Pesquisadores de História-perspectivas* In, Arias, José Miguel (org.) Dez anos de pesquisas em Ensino de História. Londrina: AtritoArt, p.37-49.

\_\_\_\_\_ 1999 As linguagens e a produção do conhecimento histórico no ensino fundamental de História. In, SCHIMIDT, M.A. e CAINELLI, Marlene – *III Encontro : Perspectivas do Ensino de História*. Curitiba. : Aos Quatro Ventos,. p. 422-433.

\_\_\_\_\_ 2003 - Projeto Pedagógico dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Identidade nacional e consciência histórica. In, *CADERNOS CEDES – ARTES & MANHAS DOS PROEJTOS POLITICOS E PEDAGOGICOS*. Campinas, v.23,no. 61. p 367-377.

\_\_\_\_\_ 2008 (org.) *Digressões sobre o ensino de História*. Itajaí. Edit. Maria do Cais,